

O intercâmbio comercial do RS com o Exterior: jan.-set./98

*Sônia Unikowsky Teruchkin**

Para se analisar o comportamento da balança comercial do RS com o Exterior, faz-se mister algumas considerações preliminares. Como as políticas macroeconômicas são determinadas pelo Governo Federal, é necessário apresentar uma súmula das principais medidas de comércio externo adotadas pelo País, para se avaliarem suas repercussões no comércio exterior do RS. Nesse sentido, apresentam-se, primeiro, as medidas acionadas. A seguir, o comportamento das exportações — por produto e destino — no Estado e das importações — por produto e origem — nos nove primeiros meses de 1998, para os quais os dados estão disponíveis.¹ Por último, são feitas algumas considerações finais.

1 - Medidas de comércio externo

Dada a crise financeira internacional, para 1998 foi projetado um crescimento do Produto e das exportações mundiais de apenas 2% e de menos de

* Economista, Técnica da FEE.

A autora agradece às Economistas Beky Moron de Macadar e Teresinha da Silva Bello pelas sugestões apresentadas, eximindo-as de qualquer impropriedade porventura existente, e ao estagiário Mario Della Casa pela coleta dos dados e pela elaboração das tabelas.

¹ Este artigo foi escrito com os dados disponíveis até 18 de dezembro de 1998. A partir de 1º de outubro de 1998, as exportações passaram a ser contabilizadas no momento do registro no Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex) e não mais por ocasião do desembarço da mercadoria. Essa decisão equipara a contabilização das exportações e das importações, que são computadas no Sistema através do registro da Declaração de Importação (DI). Conseqüentemente, as operações registradas no sistema, mesmo que, por algum motivo, não sejam efetivadas, serão automaticamente computadas, e, posteriormente, feitas as correções. Essa medida objetivou, também, não prejudicar os resultados da balança comercial em períodos de greves, como a ocorrida em agosto, na Receita Federal. A alteração do sistema gerou um atraso da divulgação dos dados posteriores.

4%, respectivamente, segundo o relatório de out./98 do FMI, com repercussões significativas sobre o preço das mercadorias (A INSTABILIDADE..., 1998, p.1). O reduzido estímulo da demanda externa — variável exógena crucial para o crescimento das exportações —, aliado aos impactos das desvalorizações das moedas asiáticas nos mercados de destino das exportações brasileiras e gaúchas, bem como da apreciação do real, tornou indispensável acelerar as medidas para diminuir o déficit da balança comercial, através de estímulos às exportações e desincentivo às importações.²

1.1 - Medidas de incentivo às exportações

No que se refere às exportações, o grande número de medidas adotadas nos últimos anos³ denotam o grau de dificuldade que o País tem encontrado para alavancar as vendas externas. Algumas dessas medidas, entretanto, não geraram os resultados esperados por problemas de garantias dos financiamentos, além das elevadas taxas de juros, dentre outros. Complementando as ações já implementadas em anos anteriores, as principais medidas em 1998 foram:

- Programa Especial de Exportações (PEE), anunciado em setembro, cuja meta é o Brasil alcançar, em 2002, exportações no montante de US\$ 100 bilhões. A estratégia do Programa prevê que 55 segmentos, escolhidos pelo seu potencial exportador, identifiquem os fatores que dificultam as exportações, os quais serão objeto de ação governamental;
- Programa de Financiamento às Exportações (Proex), que foi ampliado, possibilitando a realização simultânea de financiamento direto à comercialização e equalização das taxas de juros;
- Seguradora Brasileira de Crédito à Exportação, a qual entrou em operação no início de 1998;

² Ver os diversos números da publicação **Comércio Exterior em Perspectiva**, principalmente o v.7, n.11 e 12, de agosto e setembro de 1998 respectivamente.

³ Em 1997, dentre as principais medidas, vale destacar: a criação do mecanismo de seguro de crédito às exportações, a extensão da permissão de contratação de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC) para produtores de insumos utilizados na produção exportável (ACC indireto), a vinculação das operações de ACC com financiamentos pós-embarque e o Fundo de Garantia para a Promoção da Competitividade (COMÉRCIO..., 1998, p.1). Além disso, foi criada, em nov./97, a Agência de Promoção das Exportações (Apex) dentro do Sebrae, com o objetivo de ampliar a base exportadora, através do incremento das exportações principalmente das pequenas e médias empresas. Para maiores detalhes, ver Macadar e Teruchkin (1998, p.126).

- Fundo de Garantia para a Promoção da Competitividade, regulamentado em 1998, apesar de ter sido instituído no ano anterior, com o objetivo de o BNDES apoiar o investimento e a exportação das pequenas, médias e microempresas;
- simplificação dos procedimentos nas exportações até US\$ 10 mil, adotado em setembro para reduzir os custos e estimular as exportações das pequenas e médias empresas (PMEs) e via Internet.

Entretanto percebe-se que, apesar do grande número de medidas de incentivo às exportações adotadas nos últimos anos, estas demonstraram-se insuficientes para reverter o quadro de déficit comercial brasileiro, persistindo uma série de dificuldades e barreiras que aumentam os custos de transação e reduzem a rentabilidade da atividade exportadora. Pesquisa realizada junto a empresários nacionais⁴ demonstrou que os principais obstáculos à exportação são: a taxa de câmbio, as tarifas portuárias domésticas, os fretes internacional e doméstico; os tributos domésticos incidentes sobre as exportações e a ausência de financiamento às exportações. Fora a manutenção da política cambial, o Governo tem procurado atuar de forma mais sistemática⁵ sobre os outros empecilhos.

1.2 - Medidas para conter as importações

Dando continuidade à política de contenção das importações⁶, as principais medidas adotadas em 1998 foram:

- Código de Valoração Aduaneira, para combater a prática de subfaturamento de bens importados e evitar uma competição desleal com produtos nacionais;
- acréscimo de exigências para concessão do Registro de Importador ;
- maior controle das importações procedentes ou originárias de paraísos fiscais;

⁴ Pesquisa da Funcex de 1997, com 336 empresas exportadoras. Ver: Lima, Carvalho Jr. e Velasco (1998, p.79)

⁵ Deve-se enfatizar a política de privatização dos portos, visando aumentar a concorrência e reduzir os custos portuários, a Lei Kandir de desoneração do ICMS nas exportações de produtos básicos e semimanufaturados em 1997, a ampliação das linhas de financiamento, etc

⁶ Ver políticas adotadas em 1997 em Macadar e Teruchkin (1998, p.125).

- agilização dos processos contra práticas desleais de comércio;
- ampliação do licenciamento não automático das importações —

“Com o objetivo de conferir o mesmo tratamento a produtos nacionais e importados, em termos de exigências sanitárias e fitossanitárias, foi determinada a obrigatoriedade de licenciamento não automático para diversos produtos objeto de controle e fiscalização por parte dos Ministérios da Agricultura e Abastecimento e da Saúde” (COMÉRCIO..., 1998, p.4) —;

- Certificação de Qualidade, determinação feita a partir de novembro para a implementação dos requisitos mínimos de qualidade exigidos definidos pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) para produtos importados na etapa de licenciamento das importações.

Esse conjunto de medidas teve pouco efeito no cômputo global das importações nacionais, apesar de seu decréscimo, e estaduais, que se elevaram significativamente. Muitas das ações foram adotadas só no último trimestre, e grande parte destas terão maiores repercussões em nível setorial e nos próximos meses.

Além disso, em agosto e setembro de 1998, o Governo Federal divulgou a nova relação de produtos que passaram a ser beneficiados com uma redução da alíquota *ad valorem* do Imposto de Importação de 20% para 5%, denominados “ex-tarifários”. As alterações envolveram a incorporação de novos bens de capital e a exclusão de outros, elevando para cerca de 1.043 o total de produtos, sem similar nacional, beneficiados por esse mecanismo. Essa modificação, de certa forma, se contrapôs às ações que visavam refrear as compras do Exterior.

Os parceiros do Mercosul, por sua vez, vêm obtendo um tratamento diferenciado, tendo em vista os acordos existentes. Conseqüentemente, foi prorrogado até 28.02.99 a dispensa de contratação antecipada de câmbio para as compras financiadas até US\$ 40 mil intrabloco e as originárias do Chile e da Bolívia. E, visando simplificar e agilizar o processo de licenciamento não automático das importações, os países-membros do Mercosul decidiram iniciar, ainda em novembro, o processo de reconhecimento da equivalência de seus sistemas de controle de inspeção sanitária e fitossanitária, objetivando simplificar e agilizar esse processo. A medida deve beneficiar, principalmente, maçãs e trigo argentinos e cortes de suínos e aves do Brasil.

2 - A balança comercial gaúcha

De janeiro à setembro de 1998, a balança comercial do Rio Grande do Sul apresentou um saldo superavitário (US\$ 1.294 milhões), porém decrescente em relação aos dois últimos anos. Tal superávit contribuiu para que déficit comercial do Brasil, até set./98, fosse menor (US\$ 3.811 milhões), com um decréscimo de 34% em relação ao mesmo período do ano anterior (BALANÇA..., 1998).⁷

Comparando-se jan.-set./98 com o mesmo período de 1997, observa-se que as exportações gaúchas se reduziram (-9,3%) mais do que as nacionais (-0,6%), pois, dadas as características da pauta estadual, esta ressentiu-se mais dos efeitos da crise internacional. Ao mesmo tempo, as importações sul-rio-grandenses foram menos sensíveis às medidas de contenção adotadas, uma vez que continuaram crescendo (12,7%), enquanto as aquisições externas brasileiras revelaram queda (-4,8%). Deve-se ter presente que as estatísticas mensais até setembro refletem as exportações efetivas e as importações registradas, que são corrigidas, quando necessário, posteriormente.

2.1 - O desempenho das exportações gaúchas

As exportações do RS, assim como, em menor medida, as nacionais, caracterizam-se pela elevada participação de um pequeno número de produtos e de empresas. A grande concentração dos fluxos de comércio em firmas de maior tamanho deve-se, além de fatores internos às empresas, à maior facilidade de acesso a financiamentos. Parte desse comércio é caracterizado como intra-industrial, tendo-se observado no Estado um crescimento do comércio entre as filiais localizadas no Mercosul. Ademais, os mercados dos EUA e da Argentina representam um terço do total.

Por outro lado, apesar do elevado número de pequenas e médias empresas gaúchas, estas possuem uma reduzida participação no valor exportado. Entre os pequenos empresários, os setores que mais exportam, conforme dados do Sebrae, são o moveleiro, o eletrônico e o de jóias, seguidos pelos de pedras preciosas, artefatos de couro, alimentos e *softwares* (SEVERO, 1998, p.4).

⁷ Todos os dados da balança comercial brasileira são oriundos do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (MICT) e foram retirados da Internet (BALANÇA..., 1998).

As exportações gaúchas concentram-se em três segmentos: calçados, complexo soja — grão, farelo e óleo — e fumo. Segue-se, em ordem de valor, os setores de máquinas e instrumentos mecânicos, de veículos, de couros e peles e de carnes (Tabela 1).

A redução das exportações gaúchas deve-se a vários fatores. As maiores queixas dos empresários gaúchos dizem respeito à sobrevalorização do real, ao difícil acesso ao crédito, principalmente para as pequenas e médias empresas, às elevadíssimas taxas internas de juros, à alta carga fiscal brasileira, que ocorre em cascata e incide cumulativamente em todas as etapas da atividade econômica, pesando nas exportações, e às más condições de infra-estrutura e logística estadual. Visando sanar parte desses problemas, como já se viu acima, várias medidas foram acionadas pelo Governo Central para estimular as exportações.

Em relação aos fatores exógenos, observou-se, no decorrer de 1998, um movimento de queda da demanda mundial pela dificuldade de recuperação dos países asiáticos e pelo acirramento da crise internacional após a moratória russa. Além do mais, as incertezas geradas pela especulação internacional contra a moeda brasileira e a subsequente negociação com o FMI continuaram afetando as linhas de curto prazo para o financiamento externo das exportações. Adicionam-se a estes as inúmeras barreiras não tarifárias existentes nos principais mercados de destino dos produtos gaúchos e o acirramento do protecionismo.

2.1.1 - Exportações dos principais produtos

Como grande parte da pauta de exportação gaúcha é de *commodities* — como soja, fumo, couro e carnes —, a redução dos preços internacionais refletiu-se no decréscimo da receita de exportação. Os produtos básicos, por serem mercadorias homogêneas, com cotação diária em Bolsas de Mercadorias internacionais, são afetados mais rapidamente pelo esfriamento da economia mundial. Os produtos industrializados, com maior sofisticação tecnológica, por sua vez, têm seu preço determinado em negociações diretas entre clientes e fornecedores.

Calçados

O valor das exportações em jan.-set./98 reduziu-se 15,7% em relação a iguais meses de 1997, queda bastante próxima à das exportações brasileiras de calçados (14,3%), pois o RS continua sendo o principal pólo exportador desse produto. A redução da quantidade vendida de calçados de couro natural,

principal produto de exportação, foi acompanhada de um incremento no volume vendido de calçados de matéria têxtil e de aumento de preço e quantidade das exportações de calçados de borracha e plástico. Os principais mercados de destino das vendas gaúchas são, preponderantemente, os EUA seguidos da Inglaterra e do Canadá.

A forte concorrência no mercado externo, principalmente da China, que se transformou no maior exportador para o mercado norte-americano de sapatos de baixo preço, e de Portugal, Itália e Espanha, vem prejudicando as exportações gaúchas. Estes últimos, visando diminuir os custos de produção dos calçados de melhor qualidade, têm tercerizado parte da sua produção em países do Leste Europeu, como Eslovênia, Croácia e Iugoslávia, que possuem mão-de-obra mais barata. Essas ameaças externas são intensificadas por ineficiências internas às empresas, aliadas à falta de uma política explícita de apoio à indústria e ao segmento exportador⁸, exceto as medidas já citadas, porém sem resultados concretos ainda. Além disso, o RS vem se ressentindo com a grande migração de empresas ou filiais gaúchas para o Nordeste, principalmente para o Ceará e a Bahia, como uma alternativa para competir com os baixos preços praticados pela China no mercado externo. Essa migração deve-se aos incentivos que os governos estaduais oferecem às novas indústrias e à disponibilidade de mão-de-obra mais barata.

As exportações de calçado gaúcho estão concentradas em mãos de poucos agentes e com grande participação do mercado norte-americano. Levantamento feito junto a produtores calçadistas, no Vale do Sinos, mostra que 10 empresas produzem 52% da produção, e apenas cinco agentes de importadores compram, atualmente, 61% do volume exportado em pares pela região do Vale. E a participação da produção gaúcha no Brasil diminuiu de 31% em 1995 para 28% em 1997 (MOSMANN, 1998, p.2). Dessa forma, a recuperação da competitividade externa passa, necessariamente, por exportações com maior valor agregado e diversificação de mercados.

Complexo soja

A soja sul-rio-grandense é exportada, diretamente, através de grãos, farelo e óleo e, indiretamente, através do complexo carnes, sobretudo frangos e suínos. O ritmo das exportações até setembro foi mais lento, devido ao aumento

⁸ Para uma análise mais detalhada desse setor, ver diagnóstico da indústria calçadista brasileira em Kakuta (1997/98).

da safra mundial, que garantiu a recomposição dos estoques e a redução de preços, havendo previsão de que as exportações de soja prossigam até dezembro. O principal mercado da soja gaúcha é a Europa.

As barreiras à exportação do complexo soja concentram-se no farelo e no óleo, produtos de maior valor agregado. A sobretaxa do óleo é de 20,8% nos EUA e de 22% no Japão. Já o farelo paga 2,4% para entrar nos EUA (ZANATTA, 1998, p.A-5).

Óleo de soja - nos primeiros nove meses de 1998, observou-se um incremento no valor das vendas de óleo de soja em bruto de 7,1% (Tabela2), dado o incremento de preços em 15,4%. Tal comportamento reflete o aumento da demanda externa, pois seus principais substitutos tiveram uma diminuição de oferta. A quebra das produções do óleo de palma da Malásia e da Indonésia, do óleo de girassol da Argentina e do óleo de colza da Índia, da China e da União Européia valorizaram o óleo de soja.

Soja em grão - as receitas caíram 8,8%, a despeito do acréscimo de 19,3% na quantidade vendida, isenta de ICMS desde o segundo semestre de 1997 pela denominada Lei Kandir. A queda do preço internacional do grão (23,6%) é um reflexo do excesso de oferta de soja no mercado mundial, pois 1998 se constituiu em um ano de grandes safras no Brasil — especialmente no RS — nos EUA e na Argentina. Ao mesmo tempo, está ocorrendo uma retração de consumo de soja em decorrência da crise mundial.

Farelo de soja - as receitas de farelo registraram quedas de 42,6%, fruto, principalmente, do decréscimo das cotações internacionais de 40,1% no acumulado jan.-set./98. A queda do consumo de ração animal nos países asiáticos foi um dos principais motivos para a acentuada contração dos preços externos.

Fumo

As exportações gaúchas de fumo caíram em 6,6% de janeiro a setembro de 1998 quando comparadas com as do mesmo período do ano anterior. Enquanto as vendas de fumos claros em folha, próprios para cigarros, tiveram um decréscimo de preço e quantidade, as exportações estaduais de cigarros elevaram-se 31,6% na quantidade e 4,5% em seu preço, e os desperdícios de fumo, que têm menor representatividade, acresceram a receita em 25,4%, tendo os preços se mantido no patamar do ano passado. Em nível nacional, nesse mesmo período, a redução de 7,64% nas receitas com as exportações de fumo em folha foi acompanhada de um incremento de 20,19% no valor das vendas de cigarros.

A queda das receitas gaúchas de fumo em folha deve-se ao preço do produto, que está comprimido no mercado internacional, à quebra da safra esta-

dual 1997/98 e à qualidade inferior desta. Os efeitos do fenômeno El Niño afetaram a safra e o volume a ser processado. Adicione-se a isso o fato de esse produto continuar enfrentando barreiras tarifárias (MACADAR; TERUCHKIN, 1998, p.133), principalmente para os EUA. No que diz respeito ao crescimento das vendas externas de cigarros, cabe ressaltar o aumento do parque industrial desse setor no Estado.

Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos

Esse setor, caracterizado pela grande diversificação de linhas de produção, revelou, de janeiro a setembro de 1998, um decréscimo de 10,9% nas exportações em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo o principal mercado a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), com ênfase para o Mercosul. As principais mercadorias exportadas foram as máquinas para uso agrícola, com destaque para as máquinas e aparelhos para colheita, cuja receita cresceu 12,8% pelo incremento da quantidade, pois o preço médio das vendas declinou 26,3%. Seguem, em ordem de importância, as vendas de motores diesel e semidiesel para veículos, com aumento de receita de 14,1%.

Veículos

As elevadas taxas de crescimento nas vendas externas (36,4%), de janeiro a setembro de 1998, quando comparadas com as dos primeiros nove meses de 1997, aumentaram a participação desse setor na pauta gaúcha, passando, em valor exportado, do oitavo lugar, como nos dois últimos anos, para a sexta posição, tendo suplantado o valor das vendas de óleo de soja, peles e couros e carnes. Essa alteração na pauta mostra que os esforços desenvolvidos pelo RS para incrementar as exportações de produtos manufaturados de alto valor agregado têm surtido efeito.

A receita com esse segmento atingiu US\$ 220,2 milhões e deverá crescer significativamente, quando entrarem em funcionamento as fábricas da GM e da Ford, ora em período de instalação no Estado. O destino desses produtos foi principalmente para o Mercosul, seguido dos demais países da América Latina. Cabe destacar, em ordem de importância do valor das receitas, as exportações de carrocerias de veículos com capacidade superior a 10 pessoas (136,4%), tratores (30,0%), partes e acessórios para tratores e veículos (29,4%), reboques e semi-reboques para transporte (-10,1%) e veículos automóveis para transporte de 10 pessoas ou mais (115,3%).

Peles e couros

As vendas externas gaúchas desse segmento caíram 6,5%, pouco abaixo da redução nacional (7,1%), quando se confrontam os primeiros nove meses de 1998 com o mesmo período do ano anterior. Esse comportamento não foi uniforme para todos os produtos desse setor. Observou-se um aumento das exportações de couro *wet-blue*, de menor valor agregado e beneficiado pela isenção tributária — Lei Kandir —, ao mesmo tempo em que houve uma diminuição das vendas externas de couros curtidos acabados e semi-acabados.

“Em relação ao segmento de couro, destaca-se o baixo investimento no acabamento final, em grande parte estimulado pela facilidade em exportar o couro ainda no estágio *wet-blue* — com apenas 15% de agregação de valor — em contraposição às exportações de couro acabado, as quais sofrem sobretaxas da ordem de 4% a 7% na Europa, nosso maior mercado importador. Não obstante, o Brasil também taxa em 10% (tarifa externa comum) as importações de couro semi-acabado e acabado.” (GORINI; SIQUEIRA, 1997, p.193).

Apesar de o couro do RS possuir melhor performance em relação ao de outras regiões do País, pelo fato de o produto ser inteiro, a produção gaúcha também utiliza couro proveniente de gado do centro do País para processar e exportar couro acabado, cuja produção tem apresentado elevado grau de ociosidade.

Carnes

As vendas externas gaúchas, que compreendem todos os tipos de carnes — bovina, suína e de aves —, tiveram um decréscimo de 10,7%, quando se comparam os primeiros nove meses de 1998 com os mesmos meses de 1997. O reconhecimento por parte da Organização Internacional de Epizootias (OIE) dos Estados do RS e de SC como zonas livres de febre aftosa, em maio/98, ampliou sobremaneira as possibilidades de exportação de carne bovina e suína dessas regiões. Segue uma breve avaliação dos principais tipos de carne exportados.

Carne de aves - é o principal produto de exportação desse segmento, tendo obtido um resultado negativo no que diz respeito tanto ao valor exportado das carnes de galos ou galinhas não cortadas em pedaços (- 24,2%) como aos pedaços e miudezas comestíveis (-17,3%). A comercialização desse produto vem sendo prejudicada essencialmente pela queda acentuada de preços, acompanhada da redução de embarques.

Esse desempenho reflete a redução da demanda observada no mercado asiático e a concorrência que o produto gaúcho enfrenta por parte da Tailândia e da Malásia, tanto no mercado asiático como em outros mercados, pois esses países, ao terem suas moedas desvalorizadas, tornaram sua mercadoria mais barata. Deve ainda ser ressaltada a política de subsídios à produção adotada pelos principais concorrentes do Brasil no mercado externo, como os EUA e a França, e, ainda, o protecionismo da União Européia. Na UE, a quota de isenção tarifária é de apenas 7,1 mil toneladas anuais, incidindo elevadas taxas sobre a quantidade excedente exportada pelo Brasil. Visando recuperar as vendas externas, algumas empresas exportadoras gaúchas estão direcionando suas exportações para novos mercados, como África do Sul, Rússia, Irã, Egito.

Carne de suínos - as vendas de carne suína congelada elevaram-se 56,2% até setembro de 1998. Com a queda das barreiras sanitárias internacionais, pelo reconhecimento do RS como zona livre da febre aftosa, a carne de suíno pode apresentar taxas ainda mais expressivas de crescimento das exportações nos próximos anos, pois é o tipo de carne mais consumida no Mundo.

Carne bovina - o RS vem se esforçando para aumentar sua participação nas exportações, sendo seu principal cliente a União Européia, seguida dos EUA. A UE apresentou uma retomada de consumo, que tinha declinado com a doença da "vaca louca".

Outros

Salientam-se, ainda, os decréscimos de vendas, de jan.-set./97 a jan.-set./98, pela grande redução do preço médio, do polietileno sem carga e do benzeno, produtos dos setores de plástico e de química orgânica respectivamente. Os demais produtos que seguem (Tabela 2) apresentaram uma evolução positiva do valor das vendas, fruto, principalmente do aumento da quantidade embarcada, como na pasta química de madeira e na madeira de não conífera, cujos preços se mantiveram no patamar do ano passado. Cabe ainda salientar as vendas de obras de couro natural ou reconstituídas, os móveis de madeira e de polipropileno sem carga.

2.1.2 - As exportações por destino

Nos primeiros nove meses de 1998, as vendas externas evoluíram positivamente para o Mercosul (8,8%) e para os demais países da ALADI (6,7%), pois, em relação a estes, se observa uma menor apreciação do real. Já as exportações decresceram para o North America Free Trade Agreement (NAFTA) (-18,0%),

a UE (-7,0%) e, sobretudo, para a Ásia, exclusive Oriente Médio, (-34,2%) — Tabela 3. Esse comportamento diferiu do ocorrido no Brasil, onde foi registrada uma evolução positiva nas vendas para todos os blocos econômicos, à exceção da Ásia.

As vendas externas para a ALADI caracterizam-se pela grande presença de produtos manufaturados, de elevado e de médio valor agregado e intensidade tecnológica, dada a diversidade do parque industrial gaúcho em relação a alguns países latino-americanos. Destacam-se as vendas para os países-membros do Mercosul, cujo mercado representa 18,7% do total, seguido do Chile. As exportações para o Mercosul⁹ são predominantemente de máquinas e instrumentos mecânicos, veículos, produtos da cadeia de plásticos, calçados, fumo, carnes, adubos ou fertilizantes e produtos químicos orgânicos. Existem grandes possibilidades de aumentar as exportações para os países do bloco, em especial as de móveis¹⁰, onde as empresas de pequeno porte têm maior representatividade. O RS é o segundo maior pólo moveleiro de exportação do País.

As vendas decresceram, nesses primeiros nove meses de 1998, para o NAFTA, onde se sobressaem os EUA, principal mercado do RS e grande absorvedor dos calçados gaúchos. Igual comportamento tiveram as exportações para a União Européia, com redução das vendas para oito países, onde se salientam as de produtos como soja em grão e farelo de soja, fumo em folhas, celulose, couros e peles. Deve-se ter presente que, com a entrada do euro e sua possível valorização em relação ao dólar, poderá haver maior dificuldade em exportar para a UE.

Para o bloco asiático, a grande retração das vendas reduziu sua participação para 15,6% das exportações sul-rio-grandenses. Dentre os principais parceiros, foram bastante pronunciadas as quedas para a China — que passou de terceiro para quarto maior mercado do Estado —, para o Japão, Tailândia, Filipinas e Indonésia. Os países da Ásia são grandes absorvedores de produtos do complexo soja, celulose, carne de frango e fumo em folha.

No tocante ao Oriente Médio, onde se distinguem as vendas de óleo de soja e de carne de frango, os maiores acréscimos foram para o Irã (301,5%) e Jordânia (591,2%). Na África, por sua vez, sobressaíram-se as vendas para o Egito (439,1%).

⁹ Uma análise do comércio gaúcho com os países do Mercosul, com a discriminação de capítulos e principais produtos, para os anos de 1992-97, é apresentada em Teruchkin (1998).

¹⁰ Gorini (1998) apresenta uma análise da competitividade externa do setor moveleiro no Brasil.

2.2 - O desempenho das importações gaúchas

No período jan.-set./98, enquanto as importações brasileiras decresceram 4,8%, as compras externas gaúchas atingiram US\$ 3.164,6 milhões (Tabela 4), com um incremento de 12,7% em relação a idêntico período de 1997. Tal comportamento ocorreu apesar da retração do crescimento da economia¹¹, da queda de preços das principais *commodities* importadas e das medidas já referidas para conter as importações.

Essa performance pode ser explicada pelo incremento das compras de veículos e de máquinas e aparelhos mecânicos, que, juntos, representaram 31,3% do total importado pelo RS. A instalação de montadoras no Estado, ora em obras, estimulou sobremaneira a entrada de veículos pelo porto de Rio Grande, muitos dos quais destinados a outros estados.

O aumento das importações de máquinas e equipamentos no RS deve-se, além da renovação tecnológica de empresas, principalmente das privatizadas, aos novos investimentos que estão sendo realizados, além dos benefícios da redução do Imposto de Importação para os “ex-tarifários”, já citados. No setor privado, cabe destacar, dentre outros, a ampliação do Pólo Petroquímico e do setor fumageiro, a instalação da montadora General Motors e de seus principais fornecedores.

No RS, os produtos importados representam 6% do total do faturamento dos supermercados gaúchos, contra uma participação de apenas 2% nas vendas dos supermercados brasileiros, com grandes importações de mercadorias da Argentina, do Uruguai e do Chile, dadas a maior proximidade geográfica e afinidades culturais (MATZENBACHER, 1998, p.12-13). Portanto, as restrições às importações, por problemas sanitários, fitossanitários e por controle de qualidade, deverão ter maiores repercussões no RS.

2.2.1 - Importações dos principais produtos

Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos

Esse segmento apresentou um incremento de 25,69% até set./98, comportamento bastante distinto do nacional, onde houve uma redução de 1,0%. Destacaram-se, pelo valor das compras, as aquisições gaúchas de motores e

¹¹ A literatura econômica mostra a existência de uma forte correlação positiva entre as importações e o nível de atividade da economia.

partes de motores Diesel e semidiesel para veículos; máquinas e aparelhos específicos (para preparar e/ou transformar, para empacotar e embalar, para moldar borracha e/ou plástico etc.); máquinas ferramentas para forjar e estampar metais; partes de laminadores de metais; compressores de gases; colheitadeiras de algodão; motocompressores; partes de máquinas e aparelhos para colheita e tratores, etc. (Tabela 5).

Veículos

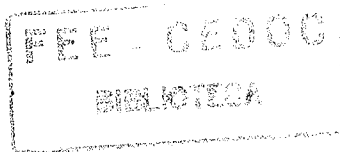
A elevada taxa de crescimento dos gastos (484%) aumentou a participação desse segmento na pauta de importações de 2,9% para 15,0%, quando se compara jan.-set./98 com jan.-set./97. Houve significativos incrementos das aquisições gaúchas de automóveis com motor a explosão, seguidas por automóveis com motor a Diesel. Também cresceram as compras externas de caixas de marchas para tratores e chassis com motor para automóveis, e reduziram-se as aquisições de partes e acessórios para tratores e veículos automóveis. Esse comportamento contrasta com o ocorrido em nível nacional, cujas importações decresceram 0,9%, elevando sobremaneira a representatividade gaúcha nas importações brasileiras de veículos, que passou, no período, para 10,7%.

A partir de 1998, a General Motors do Brasil passou a adotar o porto de Rio Grande como a "porta de entrada" dos veículos importados para o Brasil, sejam procedentes da Argentina ou de outros países, o que representa mais um passo para a consolidação do Mercosul. A Ford também escolheu o porto de Rio Grande como base das operações de importação e exportação de veículos e autopeças do Brasil em substituição ao porto de Vitória.

Combustíveis

A queda de 22,1% no dispêndio da categoria combustíveis e lubrificantes, no comparativo de jan.-set./98 com igual período do ano anterior, reduziu sua participação relativa de 20,5% para 14,2%. Tal resultado é atribuído ao forte movimento de queda nos preços internacionais, devido aos elevados estoques, decorrentes do aumento da oferta mundial concomitantemente com a redução do seu consumo, em função da crise asiática e do inverno brando no Hemisfério Norte. Os principais produtos comprados pelo RS são os que seguem.

Óleo bruto de petróleo - a queda do preço médio em 35,9%, quando se compara com o período jan.-set./97, reduziu o valor dos gastos 31,1%, uma vez que a quantidade comprada cresceu 7,4%. O principal fornecedor do Estado é a Argentina, com 54,7% das aquisições.



Naftas - o Estado diminuiu o dispêndio com as aquisições tanto de naftas para a petroquímica (-15,3%), como reflexo da queda de preços de 35,6%, como de outras naftas (-14,3%), pois as quantidades adquiridas se elevaram. A participação da Argentina no fornecimento de naftas para petroquímica representou, de janeiro a setembro de 1998 42,5% das aquisições.

Cereais

Enquanto as compras de cereais pelo Brasil cresceram (14,6%), no RS elas se mantiveram praticamente no mesmo patamar do ano anterior, pois, ao mesmo tempo em que os dispêndios com arroz e o milho aumentaram significativamente, os gastos com trigo e cevada cervejeira diminuíram. Cabe destacar:

- **arroz** - os principais tipos importados e suas taxas de crescimento são o semibranqueado (120,5%), *paddy* com casca (106,4%) e "cargo" ou castanho descascado (36,1%), cujas compras permitiram minimizar os efeitos da quebra da safra de arroz brasileira. Esses produtos são, em sua maioria, adquiridos do Uruguai e da Argentina, pela proximidade física, além de vantagens de prazos de financiamento¹² e tributação. Segundo Guimarães (1998, p.B-23), em maio/98, foi anunciada a redução da alíquota de importação do arroz beneficiado de 21% para 15% e da concessão de prazo às compras externas;
- **trigo** - o Estado importou, basicamente, misturas de trigo, tendo reduzido sobremaneira o valor das compras (-63,3%), pois o preço médio diminuiu e a quantidade cresceu. Conforme Argemiro Brum, "Nossa produção não é competitiva. O trigo argentino, que domina o nosso mercado, chega aqui com preço inferior e com qualidade superior além de prazos para pagamentos maiores." (OLIVEIRA, 1998, p.6-1).

Adbos ou fertilizantes

O montante gasto com esse setor elevou-se 7,8%, com aumentos no valor das aquisições de cloreto de potássio, diidrogeno-ortofosfato de amônio e superfosfato. Por outro lado, denotaram queda de dispêndio as compras de uréia com teor de nitrogênio superior a 45%, hidrogeno-ortofosfato de diamônio, sulfato de potássio e nitrato de amônio.

¹² "O prazo de pagamento oferecido pela indústria dos países vizinhos do Mercado Comum do Sul (Mercosul), de até 60 dias, diminui o espectro de atuação das beneficiadoras nacionais, que podem oferecer no varejo, no máximo, 28 dias." (INDÚSTRIAS..., 1998, p.8).

Outros

Dentre os demais produtos importados, cabe salientar, pelo valor adquirido, a redução dos gastos com couros e peles bovinas semi-acabados, comprados, principalmente da Argentina, para *drawback* e para a indústria calçadista exportadora, devido à sua melhor qualidade. Da mesma forma, com valores declinantes, destacam-se as aquisições de ácido fosfórico com teor de arsênio e de cebolas, da Argentina.

Por outro lado, deve-se evidenciar o grande incremento das compras de milho, da Argentina, e de leite, da Argentina e do Uruguai. Muitas empresas têm dado preferência à importação do leite em pó para reidratação posterior, porque ele possui menores preços e maiores prazos de financiamento.

2.2.2 - As importações por país de origem

As aquisições gaúchas são muito concentradas em sua origem. Dois países¹³ — Argentina e Estados Unidos (Tabela 6) — apresentam elevadas taxas de crescimento e fornecem quase a metade de tudo o que é comprado pelo RS. E seis países representam 72,4% do total adquirido pelo Estado.

A Argentina é o principal fornecedor do RS, onde predominam as aquisições de veículos, combustíveis e cereais, que, juntos, representaram 66,6% das compras com origem nesse país. No que se refere aos veículos, sobressai-se a estratégia das montadoras, que buscam a complementaridade e a especialização de linhas de produtos na Argentina ou no Brasil. Na categoria combustíveis e lubrificantes, houve, nos últimos anos, um redirecionamento de parte das importações de petróleo do Oriente Médio para o país vizinho, como estratégia para fortalecer o comércio intra-regional. E as aquisições no segmento de cereais — de arroz, trigo e milho — devem-se, dentre outros fatores, ao financiamento do produto importado, permitindo capital de giro mais barato.

As importações gaúchas originárias dos Estados Unidos cresceram 22,3%, ao passo que as nacionais declinaram (-4,1%) frente ao observado nos nove primeiros meses de 1997. O RS importa dessa origem, basicamente, produtos manufaturados.

As compras do Uruguai, por sua vez, mantiveram-se no mesmo patamar do ano anterior. Evidenciaram-se, pelo seu incremento, as aquisições de cereais, leite, laticínios e produtos alimentícios industrializados. Já as carnes, borrachas e vestuário denotaram queda de compras.

¹³ Não foi possível obter os dados de importação dos países agregados por blocos econômicos para o RS.

No que diz respeito às importações oriundas do Mercosul, em jan.-set./98, houve crescimento de 23,9%, e as aquisições provenientes da Argentina, do Uruguai e do Paraguai representaram 43,3% das importações gaúchas totais.

Deve-se ainda ressaltar, na União Européia, a evolução positiva das importações originárias da Itália (5,1%), França (68,9%), Espanha (47,6%) e Países Baixos (43,6%). Já a Alemanha, o Japão, o Chile e o Canadá, importantes fornecedores, diminuíram sua participação relativa na pauta de importações do RS.

3 - Considerações finais

O RS apresenta uma pauta comercial concentrada tanto em relação aos produtos exportados como aos importados. Comparando-se o período jan.-set./98 com o mesmo período de 1997, enquanto a participação das vendas externas de calçados, de fumo e do complexo soja diminuíram de 59,7% para 55,4%, as importações concentraram-se ainda mais. As compras dos capítulos de máquinas e instrumentos mecânicos, veículos e combustíveis, de uma representatividade de 38,0%, atingiram 45,5%. O mesmo fenômeno foi observado em relação ao destino e à origem da corrente de comércio, onde Estados Unidos e Argentina são os principais parceiros. Se, por um lado, o saldo comercial do RS se apresenta superavitário com os Estados Unidos, por outro, tem sido deficitário com a Argentina.

Quanto ao comércio com o Mercosul, o RS apresentou um saldo deficitário nos primeiros nove meses de 1998, tal como vem ocorrendo desde 1992. Observou-se, de janeiro a setembro de 1998, que o incremento das compras intrabloco foram muito maiores que o das extrabloco, ao contrário do que ocorreu nos dois últimos anos.

A elevada participação de *commodities* torna a pauta exportadora gaúcha muito vulnerável às oscilações dos preços no mercado internacional. Além disso, esses produtos apresentam, em geral, baixa elasticidade-renda e, portanto, têm um horizonte de crescimento relativamente limitado. Por outro lado, nas importações sul-rio-grandenses predominam os produtos manufaturados, muitos dos quais com elevado valor agregado e intensidade tecnológica. Assim, à medida que o RS tem buscado uma política de atração de investimentos produtivos em setores mais dinâmicos, muitos dos quais realizados por empresas multinacionais, é provável que possa continuar havendo incremento de importações, pelo menos em um primeiro momento, seja para a instalação de novas plantas industriais, seja para a aquisição de matérias-primas e insumos a serem processados no Estado.

Historicamente, o RS tem apresentado um saldo comercial favorável, porém decrescente nos últimos anos. A questão a discutir é se as características das respectivas pautas de compras e vendas externas, a apreciação do real, ainda que decrescente, o reduzido universo de empresas exportadoras e a falta de uma política articulada e abrangente de apoio à exportação de outros produtos no Estado não poderão comprometer essa situação.

Tabela 1

Exportações, por capítulos da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias, do RS — jan.-set. 1997/98

CAPÍTULOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIÇÃO %	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998		1997	1998
64 - Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	1 060 210	893 926	-15,68	21,57	20,05
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	836 451	780 895	-6,64	17,01	17,51
23 - Resíduos das indústrias alimentares; alimentos para animais	527 732	302 960	-42,59	10,73	6,79
84 - Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, etc.	319 564	284 630	-10,93	6,50	6,38
12 - Sementes e frutos oleaginosos; grãos; etc.	313 645	282 126	-10,05	6,38	6,33
87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.	161 409	220 232	36,44	3,28	4,94
15 - Gorduras, óleos e cêras, animais ou vegetais	195 792	210 330	7,43	3,98	4,72
41 - Peles, exceto peleteria (peles com pelos), e couros	210 845	197 210	-6,47	4,29	4,42
02 - Carnes e miudezas, comestíveis	203 490	181 699	-10,71	4,14	4,08
39 - Plásticos e suas obras	152 214	153 169	0,63	3,10	3,44
94 - Móveis; mobiliário médico-cirúrgico; colchões; etc.	68 810	75 549	9,79	1,40	1,69
82 - Ferramentas, artefatos, cutelaria e talheres, etc.	68 085	68 885	1,18	1,38	1,54
40 - Borracha e suas obras	70 047	66 433	-5,16	1,42	1,49
29 - Produtos químicos orgânicos	74 572	66 406	-10,95	1,52	1,49
85 - Máquinas, aparelhos e material elétrico, etc.	55 480	60 775	9,54	1,13	1,36
47 - Pastas de madeira, etc; desperdícios e aparas de papel	59 503	56 478	-5,08	1,21	1,27
Subtotal	4 377 849	3 901 703	-10,88	89,05	87,51
Outros	538 366	557 032	3,47	10,95	12,49
TOTAL	4 916 215	4 458 735	-9,31	100,00	100,00

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 2

Exportações, por mercadorias, do RS — jan.-set.1997/98

MERCADORIAS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIACÃO %	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998		1997	1998
Outros calçados de couro natural	761 915	637 087	-16,38	15,50	14,29
Fumo não manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, etc., tipo Virgínia	590 021	513 528	-12,96	12,00	11,52
Bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	518 079	297 382	-42,60	10,54	6,67
Outros grãos de soja, mesmo triturados	302 281	275 765	-8,77	6,15	6,18
Óleo de soja em bruto, mesmo degomado	189 421	202 952	7,14	3,85	4,55
Outros calçados de couro natural cobrindo o tornozelo	145 289	125 968	-13,30	2,96	2,83
Fumo não manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, tipo Burley	104 171	99 049	-4,92	2,12	2,22
Cigarros de fumo	64 860	89 239	37,59	1,32	2,00
Carne de galos ou galinhas, não cortada em pedaços, congelada	102 547	77 677	-24,25	2,09	1,74
Couro/pele bovina, preparado após curtimento, plena flor	92 361	76 453	-17,22	1,88	1,71
Outros maquinários e aparelhos para colheita	53 949	60 846	12,78	1,10	1,36
Polietilenos sem carga, densidade inferior a 0,94, em formas primárias	61 899	59 488	-3,90	1,26	1,33
Pedaços e miudezas comestíveis de galos ou galinhas, congelados	67 022	55 432	-17,29	1,36	1,24
Outros polietilenos sem carga, densidade superior ou igual a 0,94, em formas primárias	60 393	50 042	-17,14	1,23	1,12
Carroçarias para veículos automóveis, transporte ≥ 10 pessoas	20 459	48 365	136,40	0,42	1,08
Outros tratores	36 592	47 553	29,95	0,74	1,07
Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	35 986	46 556	29,37	0,73	1,04
Pasta química de madeira de não conífera à soda/sulfato	43 630	45 063	3,28	0,89	1,01

(continua)

Tabela 2

Exportações, por mercadorias, do RS — jan.-set.1997/98

MERCADORIAS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIACÃO %	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998		1997	1998
Outros couros/peles bovinas preparados e curtidos, plena flor	33 590	41 037	22,17	0,68	0,92
Fumo não destalado, não manufaturado, em folhas secas, etc.	47 208	35 790	-24,19	0,96	0,80
Motores Diesel/semidiesel, para veículos do capítulo 87	30 691	35 028	14,13	0,62	0,79
Outras carnes de suíno congeladas	20 451	31 954	56,25	0,42	0,72
Outros calçados de couro natural e sola exterior	39 813	31 673	-20,45	0,81	0,71
Outros couros e peles, de bovinos e de eqüídeos, curtidos	55 159	31 088	-43,64	1,12	0,70
Desperdícios de fumo	24 611	30 870	25,43	0,50	0,69
Benzeno	30 177	28 562	-5,35	0,61	0,64
Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias	30 339	27 261	-10,15	0,62	0,61
Outras obras de couro natural ou reconstruídas	14 689	26 987	83,72	0,30	0,61
Madeira de não coníferas, em estilhas	22 982	26 708	16,21	0,47	0,60
Móveis de madeira para quartos de dormir	24 503	26 230	7,05	0,50	0,59
Outros calçados de borracha ou plástico	17 197	25 436	47,91	0,35	0,57
Outras espingardas/carabinas para caça/ tiro ao alvo	28 017	24 162	-13,76	0,57	0,54
Calçados de matéria têxtil, com sola exterior	19 224	22 583	17,47	0,39	0,51
Veículos automóveis para transporte ≥ 10 pessoas	10 235	22 033	115,27	0,21	0,49
Polipropileno sem carga, em forma primária	7 079	22 002	210,81	0,14	0,49
Outros móveis de madeira	23 138	21 808	-5,75	0,47	0,49
Pneumáticos novos de borracha para motocicleta	18 148	20 701	14,07	0,37	0,46
Subtotal	3 748 126	3 340 358	-10,88	76,24	74,92
Outros	1 168 089	1 118 377	-4,26	23,76	25,08
TOTAL	4 916 215	4 458 735	-9,31	100,00	100,00

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 3

Exportações, por blocos econômicos, do RS — jan.-set.1997/98

BLOCOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		PARTICIPAÇÃO %		VARIACÃO %
	1997	1998	1997	1998	
ALADI	1 010 487	1 094 180	20,55	24,54	8,28
Mercosul	764 674	831 946	15,55	18,66	8,80
Argentina	477 389	538 635	9,71	12,08	12,83
Uruguai	135 319	157 742	2,75	3,54	16,57
Paraguai	151 966	135 569	3,09	3,04	-10,79
Demais países da ALADI (ex- clusive o México)	245 813	262 234	5,00	5,88	6,68
NAFTA	1 274 974	1 044 869	25,93	23,43	-18,05
Estados Unidos	1 174 595	950 801	23,89	21,32	-19,05
México	34 548	49 872	0,70	1,12	44,36
Canadá	65 831	44 196	1,34	0,99	-32,86
União Européia (UE)	1 118 227	1 039 793	22,75	23,32	-7,01
Alemanha	202 622	200 740	4,12	4,50	-0,93
Reino Unido	192 080	182 250	3,91	4,09	-5,12
Espanha	186 913	136 462	3,80	3,06	-26,99
Itália	177 529	136 316	3,61	3,06	-23,21
Bélgica	104 959	116 963	2,13	2,62	11,44
Países Baixos	140 801	115 988	2,86	2,60	-17,62
Dinamarca	18 532	49 506	0,38	1,11	167,14
França	38 002	32 309	0,77	0,72	-14,98
Grécia	20 609	27 693	0,42	0,62	34,37
Portugal	18 486	24 667	0,38	0,55	33,44
Suécia	8 469	9 186	0,17	0,21	8,47
Áustria	5 019	3 195	0,10	0,07	-36,34
Finlândia	2 592	2 189	0,05	0,05	-15,55
Irlanda	1 351	1 997	0,03	0,04	47,82
Luxemburgo	263	332	0,01	0,01	26,24
Ásia (exclusive Oriente Mé- dio)	1 060 123	697 869	21,56	15,65	-34,17
China	353 282	197 051	7,19	4,42	-44,22

(continua)

Tabela 3

Exportações, por blocos econômicos, do RS — jan.-set. 1997/98

BLOCOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		PARTICIPAÇÃO %		VARIACÃO %
	1997	1998	1997	1998	
Japão	189 610	159 421	3,86	3,58	-15,92
Taiwan (Formosa)	67 384	93 384	1,37	2,09	38,58
Hong Kong	73 463	73 291	1,49	1,64	-0,23
Tailândia	109 862	33 648	2,23	0,75	-69,37
Filipinas	77 081	28 828	1,57	0,65	-62,60
Malásia	27 894	22 722	0,57	0,51	-18,54
Indonésia	42 222	19 939	0,86	0,45	-52,78
Cingapura	23 482	16 406	0,48	0,37	-30,13
Paquistão	17 177	14 525	0,35	0,33	-15,44
Outros	78 666	38 654	1,60	0,87	-50,86
Oriente Médio	131 248	213 141	2,67	4,78	62,40
África	77 825	129 501	1,58	2,90	66,40
Europa Oriental	80 685	60 016	1,64	1,35	-25,62
Demais países da Europa Ocidental	47 301	49 943	0,96	1,12	5,59
Demais países da América Latina	25 432	41 174	0,52	0,92	61,90
Oceania	44 095	32 607	0,90	0,73	-26,05
Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)	16 701	24 059	0,34	0,54	44,06
Demais países da América	5 250	5 605	0,11	0,13	6,76
Comunidade e Mercado Comum do Caribe (Caricom)	4 642	5 569	0,09	0,12	19,97
Provisão de navios e aeronaves	18 964	20 499	0,39	0,46	8,09
Não declarados	153	0	0,00	0,00	-100,00
TOTAL	4 916 215	4 458 735	100,00	100,00	-9,31

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 4

Importações, por capítulos da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias,
do RS — jan.-set.1997/98

CAPÍTULOS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIÇÃO %	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998		1997	1998
84 - Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, etc.	408 751	513 763	25,69	14,56	16,23
87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.	81 438	475 636	484,05	2,90	15,03
27 - Combustíveis, óleos e cêras minerais, etc.	575 843	448 587	-22,10	20,51	14,18
10 - Cereais	244 823	242 885	-0,79	8,72	7,68
31 - Adubos ou fertilizantes	162 608	175 317	7,82	5,79	5,54
29 - Produtos químicos orgânicos	110 516	107 853	-2,41	3,94	3,41
41 - Peles, exceto peleteria (peles com pêlos), e couros ..	111 914	92 149	-17,66	3,99	2,91
85 - Máquinas, aparelhos e material elétrico, etc.	97 675	80 556	-17,53	3,48	2,55
39 - Plásticos e suas obras	99 600	80 544	-19,13	3,55	2,55
90 - Instrumentos e aparelhos de óptica, foto, precisão, médicos, etc.	42 807	61 272	43,14	1,52	1,94
28 - Produtos químicos inorgânicos, etc.	61 686	60 863	-1,33	2,20	1,92
07 - Produtos hortícolas, plantas, etc., comestíveis	53 405	57 674	7,99	1,90	1,82
48 - Papel e cartão, obras de pasta celulósica, etc.	46 757	57 511	23,00	1,67	1,82
40 - Borracha e suas obras	53 913	53 550	-0,67	1,92	1,69
04 - Leite e laticínios, produtos comestíveis de origem animal	31 729	46 894	47,80	1,13	1,48
72 - Ferro fundido, ferro e aço	30 587	41 588	35,97	1,09	1,31
Subtotal	2 214 052	2 596 642	17,28	78,87	82,05
Outros	593 156	567 969	-4,25	21,13	17,95
TOTAL	2 807 208	3 164 611	12,73	100,00	100,00

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem correções do Siscomex até 08.12.98.

Tabela 5

Importações, por mercadorias, do RS — jan.-set.1997/98

MERCADORIAS	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIACÃO %	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998		1997	1998
Automóveis com motor explosão, 1 500 ≤ cm ³ ≤ 3000	38	242 577	638 260,53	0,00	7,67
Óleos brutos de petróleo	306 571	211 268	-31,09	10,92	6,68
Naftas para petroquímica	132 681	112 745	-15,03	4,73	3,56
Outras naftas	112 380	96 354	-14,26	4,00	3,04
Arroz semibranqueado, etc., não parboilizado	38 731	85 398	120,49	1,38	2,70
Outros veículos automóveis com motor Diesel	4 404	78 521	1 682,95	0,16	2,48
Outros veículos automóveis com motor explosão	3 440	61 754	1 695,17	0,12	1,95
Outros cloratos de potássio	53 324	59 486	11,56	1,90	1,88
Outros couros/peles bovinas, pre- parados após curtimento, plena flor	59 971	51 101	-14,79	2,14	1,61
Outras espécies de trigo e mistu- ras de trigo	137 406	50 388	-63,33	4,89	1,59
Arroz (<i>paddy</i>) com casca, não par- boilizado	20 857	43 067	106,49	0,74	1,36
Diidrogênio-ortofosfato de amô- nio	27 145	37 292	37,38	0,97	1,18
Ácido fosfórico com teor de arsê- nio superior ou igual a 8ppm	37 640	33 333	-11,44	1,34	1,05
Outras cebolas frescas ou refri- geradas	37 930	32 098	-15,38	1,35	1,01
Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis ...	36 512	31 262	-14,38	1,30	0,99
Arroz ("cargos" ou castanho), des- cascado, não parboilizado	20 609	28 056	36,13	0,73	0,89
Outros motores Diesel ou semi- diesel, para veículos	17 727	26 524	49,62	0,63	0,84
Outros maquinários e aparelhos para preparar/ transformar	3 488	24 809	611,27	0,12	0,78
Outras espécies de milho em grão	75	22 572	29 996,00	0,00	0,71
Outros maquinários e aparelhos mecânicos com função própria ...	20 134	20 981	4,21	0,72	0,66
Outros maquinários/ferramentas para forjar/estampar metais	731	20 786	2 743,50	0,03	0,66
Uréia com teor de nitrogênio su- perior a 45% em peso	22 706	20 765	-8,55	0,81	0,66
Subtotal	1 094 500	1 391 137	27,10	38,99	43,96
Outros	1 712 708	1 773 474	3,55	61,01	56,04
TOTAL	2 807 208	3 164 611	12,73	100,00	100,00

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem correções do Siscomex até 08.12.98.

Tabela 6

Importações, por países, do RS — jan.-set.1997/98

PAÍSES	VALOR (US\$ 1 000 FOB)		VARIAÇÃO	PARTICIPAÇÃO %	
	1997	1998	%	1997	1998
Argentina	837 231	1 100 449	31,44	29,82	34,77
Estados Unidos	376 236	460 133	22,30	13,40	14,54
Uruguai	265 767	265 789	0,01	9,47	8,40
Itália	169 142	177 776	5,10	6,03	5,62
Alemanha	177 367	169 943	-4,19	6,32	5,37
Japão	124 852	117 769	-5,67	4,45	3,72
França	51 046	86 226	68,92	1,82	2,72
Espanha	41 454	61 195	47,62	1,48	1,93
Chile	58 449	54 218	-7,24	2,08	1,71
Países Baixos	33 214	47 685	43,57	1,18	1,51
Canadá	49 339	46 855	-5,03	1,76	1,48
México	15 710	46 027	192,98	0,56	1,45
Venezuela	41 464	42 047	1,41	1,48	1,33
Argélia	32 433	41 942	29,32	1,16	1,33
Rússia	27 196	37 733	38,74	0,97	1,19
Nigéria	22 693	36 654	61,52	0,81	1,16
Reino Unido	48 996	32 373	-33,93	1,75	1,02
Subtotal	2 372 589	2 824 814	19,06	84,52	89,26
Outros	434 619	339 797	-21,82	15,48	10,74
TOTAL	2 807 208	3 164 611	12,73	100,00	100,00

FONTE: MICT/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem as correções do Siscomex até 08.12.98.

Bibliografia

- BALANÇA Comercial Brasileira (set.1998). Ministério da Indústria, do Comércio e Turismo, Secretaria de Comércio Exterior, Departamento do Operações de Comércio Exterior. [on line]. Disponível na Internet via correio eletrônico: [www.http://:161.148.101](http://www.161.148.101). Arquivo capturado em 9 de dezembro.
- COMÉRCIO exterior: as recentes alterações na política de importação(1998a). **Comércio Exterior em Perspectiva**, Rio de Janeiro : CNI, v.7, n.12, p.1-6, set.
- COMÉRCIO exterior: um balanço das medidas de apoio às exportações(1998). **Comércio Exterior em Perspectiva**, Rio de Janeiro : CNI, v.7, n.11, p.1-7, ago.
- FAVARET FILHO, Paulo ;SIQUEIRA, Sandra Helena G. de ;PAULA, Sérgio Roberto Lima de (1997). Agropecuária e agroindústria. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, nov., p.105-132. Edição Especial.
- FERRARI, Livia (1998). Brasil e EUA assinam acordo automotivo. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 17 mar., p.A-4.
- GORINI, Ana Paula Fontanelle ;SIQUEIRA, Sandra Helena Gomes de (1997). Complexo coureiro calçadista. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, nov., p.171-198. Edição Especial.
- GORINI, Ana Paula (1998). Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.8,set., p.3-58.
- GUIMARÃES, Luiz (1998). Queda da alíquota não derruba preço. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 18 maio, p.B-23.
- INDÚSTRIAS retomam o ritmo de crescimento. **ZeroHora** , Porto Alegre, 6 mar. Cad. Campo e Lavoura, p.8.
- A INSTABILIDADE financeira internacional e a economia mundial(1998). **Panorama da Economia Mundial**, Rio de Janeiro : IPEA, n.31, out.
- KAKUTA, Suzana (1997/98). O calçado brasileiro e a retomada das exportações. **Comercio Exterior em Perspectiva**, Rio de Janeiro, v.7, n.3-4, dez./jan., p.18-19.

- LIMA, Erikson Teixeira; CARVALHO JR, Mário Cordeiro de ;VELASCO, Luciano Otávio Marques de (1998). Removendo obstáculos às exportações brasileiras **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v.5, n.9,jun., p.77-104.
- MACADAR, Beky Moron de ;TERUCHKIN, Sônia Unikowsky (1998). O relacionamento do RS com o exterior em 1997. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26, p.122-160, mar.
- MATZENBACHER, Luiz Oscar (1998). Restrição a importados atinge o RS. **Correio Povo**, Porto Alegre, 16 set., p.12-13.
- MOSMANN, Gilberto (1998). O Vale dos Sinos não encolheu. **Gazeta Mercantil RS**, São Paulo, 27 maio, p.2.
- OLIVEIRA, Roberto (1998). Trigo lidera as importações agrícolas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jul., p. 6-1.
- PAULA, Sérgio Roberto de ;FAVARET FILHO, Paulo (1998). Panorama do complexo soja. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.8,set., p.119-152.
- SEVERO, Rivadávia (1998). Esforço visa exportar mais. **Gazeta Mercantil RS**, São Paulo, 19/21 jun., p.4.
- TERUCHKIN, Sônia Unikowsky (1998). O intercâmbio comercial do RS com os países do Mercosul:1992. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26, n.2, abr.
- ZANATTA, Mauro (1998). Exportadores reclamam de barreiras tarifárias. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 16 set., p.A-5.
- ZANATTA, Mauro ;AIRES, Lauro (1998). Mercosul unifica a inspeção fitossanitária. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 2 nov., p.A-5.